

02 Editorial
04 Eventos na Área Metropolitana de Lisboa
13 Sugestão

96

Eventos na ESELX 03
Entrevista ao Professor Alfredo Dias 08



CulturESE

BOLETIM DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

17 de fevereiro DE 2017 a 2 de março de 2017. Organização: Conselho Pedagógico da Escola Superior de Lisboa

Editorial

Nesta nova edição do *CulturESE*, sugerimos uma ida ao teatro, mais precisamente ao Teatro Aberto, para assistir ao trabalho do jovem dramaturgo francês, Florian Zeller, elogiado e reconhecido por um conjunto de críticos cada vez mais vasto. A peça em cena, *O Pai*, retrata o mundo estreito e confuso deste pai, que se vê condenado no seu quotidiano a descobrir tudo pela primeira vez. A peça estará em palco até 12 de março, e, no dia 26 de fevereiro, o Teatro Aberto, numa sessão especial, receberá das mãos do Presidente da República as Insígnias da Ordem de Instrução Pública.

Noutro palco, o da Culturgest, é proposta uma curiosa analogia: um espetáculo de dança é-nos apresentado numa quase escuridão, sendo que a atmosfera criada pelos bailarinos evoluindo na penumbra constitui um desafio às nossas capacidades percetivas e permite-nos compreender que, sem a luz adequada, tudo parece mais ou menos idêntico e uniforme. Um reparo a um relativismo crescente, que tudo iguala e minimiza: à noite todos os gatos são pardos.

Por fim, não podemos deixar de assinalar a excelente entrevista realizada por Marta Abreu Silva e Ana Isabel Silva ao Professor Alfredo Dias assim como o belíssimo texto escrito por este professor sobre a Ilha de São Tomé.

Boas escolhas, bons espetáculos!

Eventos na ESELX

Encontros

Encontre-TE | Teatro na educação e comunidade – 2017 | ESELx e ESTC

24 e 25 de março de 2017 | horários vários

A 4ª edição do *encontro-TE – Encontro de Teatro na Educação e Comunidade* – uma iniciativa conjunta da Escola Superior de Educação (ESELx) e da Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), duas unidades orgânicas do Instituto Politécnico de Lisboa – realiza-se nos dias 24 e 25 de março de 2017. Este Encontro surgiu diretamente ligado aos segundos ciclos de estudos criados nestas áreas em ambas as Escolas: o Mestrado em Teatro – ramo de Teatro e Comunidade (ESTC, desde 2007) e o Mestrado em Educação Artística – especialização em Teatro na Educação (ESELx, desde 2010). Tem como objetivo central a promoção de oportunidades privilegiadas de apresentação e discussão de conceções e práticas em torno da tríade teatro/educação/comunidade.

O programa deste encontro integra como habitualmente conferências, *workshops*, espetáculos e painéis temáticos, com a participação de estudantes e docentes, bem como de outros convidados e interessados nestas áreas. Em cada edição, o *encontro-TE* tem dado destaque a uma personalidade, cuja obra se distingue no cruzamento dos três eixos que este evento privilegia. Nesta 4ª edição, o *encontro-TE* põe em foco o percurso e a obra de Madalena Victorino, colaboradora da ESELx e da ESTC, recentemente distinguida com o Prémio Universidade de Coimbra 2017. A organização

Inscrição obrigatória até 22 de março | Custo: 10 e 20 euros | Saber mais aqui.

ENCONTROS

ΕΥΝΟΙΣΙΟΝ

Domingos Sequeira – pintor de história | Museu Nacional de Arte Antiga

Até de 12 de março de 2017 | Terça a domingo | 10h00-18h00

Treinado em Roma como pintor de História, no período entre 1791 e 1807, Domingos António de Sequeira abordou, sobretudo, episódios medievais, ligados à gesta dos primeiros reis de Portugal, quase sempre comissionado pela Casa Real, com destino a Mafra ou ao novo palácio da Ajuda. Levadas para o Brasil pela família real, em 1807, muitas destas obras mantêm-se por localizar. As obras, que ficaram conhecidas através de diversos estudos preparatórios, permitem um contacto com o método de trabalho de Domingos Sequeira e reconstituem uma faceta pouco conhecida da obra do artista, o que a torna numa das

páginas mais intrigantes da arte portuguesa na viragem do século XVIII para o século XIX. De origem modesta, Domingos António de Sequeira é, para muitos, o primeiro dos românticos portugueses. Em 1802 o príncipe regente, futuro D. João VI, nomeia-o primeiro pintor de câmara e corte. Fica também encarregado de produzir com o seu rival, Vieira Portuense, pinturas decorativas para o Real Palácio da Ajuda, na altura ainda em construção. Alexandra Gomes Markl

Custo: 6 euros (preço normal) | Saber mais aqui

Eventos na área metropolitana de LISBOA



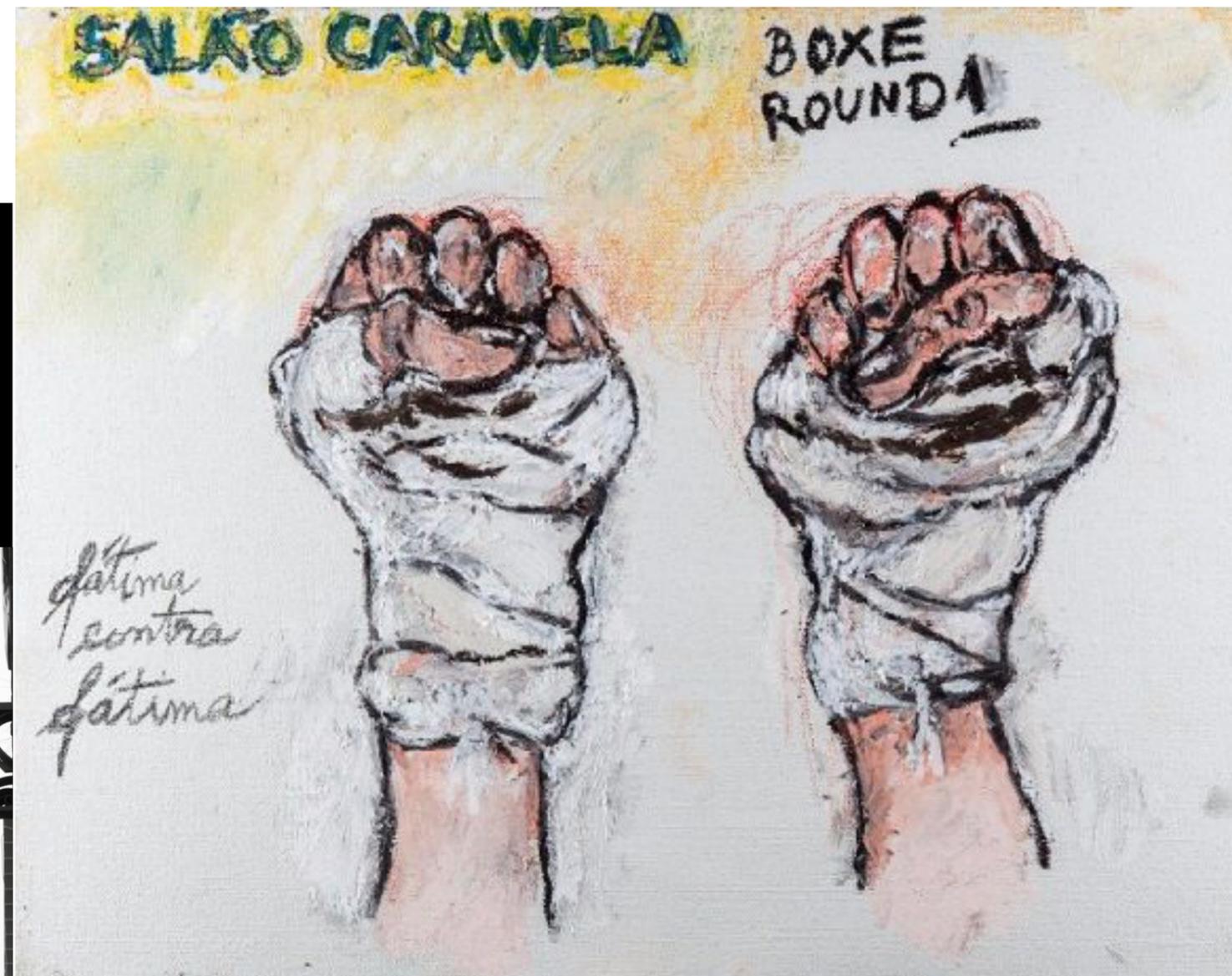
Caravela-Salão | Fátima Mendonça | Galeria 111

Até 4 de março | Terça a sábado | 10h00 -19h00

A Galeria 111 apresenta as mais recentes pinturas da artista Fátima Mendonça (Lisboa, 1964), na exposição intitulada “Caravela – Salão”. De um modo persistente e problemático a que a artista nos tem habituado desde o início do seu percurso nos anos 90, as novas pinturas versam sobre a sua vida pessoal, nomeadamente, sobre os seus sofrimentos, as suas

tristezas, as suas doenças e, particularmente, sobre os seus medos. Nesta ocasião, as pinturas são visualmente mais escuras, as cores azuis, castanhas e negras tomam conta da superfície pictórica, tornando, assim, as imagens mais densas e profundamente mais inquietantes. Hugo Dinis

Entrada livre | Saber mais aqui.



ΕΥΝΟΙΣΙΟΝ

TEATRO

O pai | Florian Zeller | Teatro Aberto | Sala azul

Até 12 de março | Quarta a sábado | 21h30 | Domingo | 16h00

Não sabe onde deixou o relógio e em que casa está. Suspeita que o andem a roubar e lhe queiram ficar com a casa. O tempo, o lugar, as pessoas, o mundo à sua volta tornam-se cada vez mais estranhos. Quem está esquecido, confuso, errado? O pai? A filha? O genro? Os outros, que aparecem para ajudar? No labirinto em que a vida se transformou, são muitas as encruzilhadas, porque as grandes questões da existência irrompem na normalidade do quotidiano. É preciso encontrar soluções para a perda de autonomia, o desvanecer da identidade e a solidão. E continuar a viver.

O Pai é uma peça escrita na perspetiva de um homem que envelhece e se vê confrontado com um quotidiano em mutação. Encenação de João Lourenço. Com Ana Guiomar | João Perry | João Vicente | Patrícia André | Paulo Oom | Sara Cipriano

Entrada livre | Saber mais aqui.

TEATRO

Dança

À noite todos os gatos são pardos | Culturgest | Grande Auditório

24 e 25 de março | 21h30

“À noite todos os gatos são pardos” é um provérbio muitas vezes usado em rimas e em histórias infantis. Este provérbio inspira-se, antes de mais, num fenómeno fisiológico: à noite, quando a luz é fraca, os três tipos de cones da nossa retina, que são responsáveis pela visão diurna, não têm sensibilidade suficiente. Os bastonetes, que permitem a visão noturna, substituem-nos, mas só há um tipo que permite distinguir as cores. Assim, todos os gatos, seja qual for a sua verdadeira cor, parecem pardos. Sem iluminar os factos, não se pode tirar conclusões, porque todas as coisas se assemelham. Deixa de haver belo, ou feio, ou bom ou mau. A peça *La nuit tous les chats sont gris* (à noite todos os gatos são pardos) procura reinventar a perceção e interpretação do movimento coreográfico numa quase penumbra. Este projeto visa criar uma multitude de sensações perante um ato coreográfico sem narrativa explícita. Laurence Yadi e Nicolas Cantillon

Custo: de 5 a 30 euros | Saber mais aqui.

Dança



QUARTA A SÁBADO
21H30
DOMINGO
16H00

O PAI

FLORIAN ZELLER

VERSÃO
JOÃO LOURENÇO
VERA SAN PAYO DE LEMOS
DRAMATURGIA
VERA SAN PAYO DE LEMOS

ENCENAÇÃO
JOÃO LOURENÇO
CENÁRIO
ANTÓNIO CASIMIRO
JOÃO LOURENÇO
FIGURINOS
DINO ALVES
LUZ
ALBERTO CARVALHO
JOÃO LOURENÇO
VÍDEO
LUÍS SOARES

COM
ANA GUIOMAR
JOÃO PERRY
JOÃO VICENTE
PATRÍCIA ANDRÉ
PAULO OOM
SARA CIPRIANO



LISBOA

HÁ VIDA PARA ALÉM DA ESE

Entrevista

Professor Alfredo Dias

O que despertou o seu interesse pelo estudo da História?

O interesse pelo estudo da História começou no secundário quando passei a ser visita frequente de uma amiga que era professora de História no velho liceu de Oeiras onde eu estudava. Como ia muitas vezes a casa dela e falávamos muitas vezes sobre História, eu acabei por ser influenciado pelo seu entusiasmo e gosto por esta disciplina. Na altura, eu estava no ensino secundário, não tinha História nas minhas disciplinas, e comecei a frequentar as aulas dela. E, pouco a pouco, decidi mesmo seguir a formação em História na Faculdade de Letras.

E depois o que o levou a enveredar pela área do ensino?

A área do ensino era quase inerente à formação em História, porque na altura (eu acabei o curso em 1981), a carreira de investigador era algo muito difícil. Portanto, quem fazia o curso de História já tinha como horizonte profissional o ensino. Por outro lado, como estudei no Liceu de Oeiras e sempre vivi a escola de uma forma muito intensa, a partir do 9.º ano estava lá muito tempo para além das aulas. Eu frequentei o Liceu num tempo histórico do 25 de Abril e, depois do 25 de Abril, ainda passei a estar lá mais tempo, porque havia muitas atividades políticas. Por causa disso, passei a ter muito contacto com professores, entre os quais a professora de História de que falei.

Aprendi a gostar de viver a escola e, por isso, para mim era quase natural querer continuar a viver a escola mesmo depois de ser aluno. E ser professor era uma forma de continuar a viver a escola.

Em 1981, terminou o curso e foi também nesse ano que embarcou para São Tomé e Príncipe.

Exatamente. Eu acabei o curso em julho e em outubro embarquei para São Tomé e Príncipe, onde dei a minha primeira aula de História.

E que motivos o levaram a embarcar?

Foram vários. O primeiro era a vontade de ter uma experiência diferente. Os meus colegas já estavam todos em stresse a pensar em concorrer ao ensino e a mim não me apetecia nada entrar nesse stresse de andar a concorrer. Depois, também por influência de um professor, que foi professor de Francês no Liceu de Oeiras e que teve uma experiência como professor em São Tomé e Príncipe. Um dia à noite, eu vinha de uma festa, entro no comboio no Cais do Sodrê e encontro esse professor, que tinha sido meu professor no 7.º ou 8.º anos. Ele lembrou-se de mim, começámos a falar e ele disse-me que no ano anterior tinha estado a dar aulas em São Tomé e Príncipe

e começou a descrever-me a sua experiência. Aquilo ficou-me no ouvido. Estava quase no final do meu 3.º ano da licenciatura, mas ainda me faltava um ano. No 4.º ano, comecei a ponderar essa hipótese. Comecei a tratar da candidatura e acabei por ir até com um colega de licenciatura que decidiu alinhar comigo e fomos os dois no mesmo dia.

E relativamente ao antigo Zaire, o que o motivou a dar aulas lá?

Estive cinco anos em S. Tomé, conheci lá a minha mulher e, ao fim desse tempo, vim com ela para Portugal. Estivemos a trabalhar aqui um ano e, no final desse ano letivo, através de uma colega da Escola Preparatória de Caxias que tinha familiares em Kinshasa (na altura o país chamava-se Zaire, agora é a República Democrática do Congo), vim a saber que precisavam de professores para o colégio onde estudavam os filhos dos portugueses residentes nesse país. O colégio tinha turmas desde o pré-escolar até ao 11.º ano de escolaridade. Essa colega perguntou-me se eu estaria interessado em ir, visto ter estado em S. Tomé e, portanto, estar familiarizado com África. E, como eu e a minha mulher, ao fim de um ano, já estávamos fartos de estar em Portugal, fomos para Kinshasa. Foi uma experiência completamente diferente, porque fui trabalhar num colégio com crianças portuguesas. Enquanto em S. Tomé trabalhava com crianças santomenses, em Kinshasa, estava inserido no sistema de ensino português, porque o colégio tinha paralelismo pedagógico com as escolas portuguesas.

E que repercussões tiveram essas primeiras experiências em África na sua forma de estar e na sua forma de ser professor?

Tiveram uma grande influência. Primeiro, porque cinco anos ainda é bastante tempo e depois o facto de ter dado a minha primeira aula num contexto africano fez com que eu aprendesse a relativizar a importância de determinadas coisas que nós aqui, nos nossos contextos de sala de aula, consideramos como condições quase indispensáveis em termos de recursos para dar uma aula. Por exemplo, o facto de todos os alunos terem um caderno e um lápis, coisa que eu,

em S. Tomé, não tinha. E eu habituei-me a ser, dentro da sala de aula, professor e recurso dos alunos, porque os alunos não tinham manual, não havia mapas, projetores... Era eu, os alunos, o quadro, já velho, e a dificuldade em encontrar um pau de giz. E, portanto, isso fazia com que eu tivesse de aprender a adaptar todo o trabalho que tinha de fazer no processo de ensino-aprendizagem às condições que tinha. É evidente que, depois, quando cheguei aqui, eu tinha outras condições e ouvia os meus colegas a queixarem-se e achava tudo uma grande maravilha porque dispunha de imensas coisas. Mas deu-me a noção de que, de facto, é possível trabalhar em diferentes contextos, temos é de saber utilizar os recursos disponíveis e adaptá-los àquilo que são as condições do contexto e fazer o que é possível, e todos os contextos são possíveis para aprender e para ensinar.



Agora relativamente a outro país... Verificámos que tem várias publicações sobre Macau e gostaríamos de compreender que relação tem com Macau.

Macau é uma história paralela à minha história como professor, porque, desde que acabei a licenciatura em História em 1981, sempre desenvolvi uma carreira de investigação. Os primeiros trabalhos que publiquei foram sobre S. Tomé, porque, quando fui com o meu colega para aquele país, nós desenvolvemos um projeto de investigação sobre a História de S. Tomé no século XIX. Depois, quando eu regresssei a Portugal, abandonei o projeto, porque já não estava lá a trabalhar, e dediquei-me a um outro espaço ultramarino. Queria continuar a trabalhar em espaços ultramarinos portugueses e sempre centrado nos séculos XIX e XX. Em síntese, troquei S. Tomé e Príncipe por Macau. Estávamos em 86, as negociações entre Portugal e a China para a transferência de Macau estavam na ordem do dia, nos jornais e nos noticiários. Como sabem, a transferência da administração de Macau para a República Popular da China acabou por ocorrer em dezembro de 1999. E isso também acabou por suscitar a minha curiosidade sobre Macau, um território que eu praticamente desconhecia. Em finais de 1986, princípio de 87, começo então a fazer investigação sobre Macau. Já lá vão 30 anos. As coisas correram muito bem desde início e comecei a publicar trabalhos sobre Macau. O primeiro livro saiu em 1993. Comecei a investigar mais, a estabelecer mais relações com Macau. Paralelamente à minha atividade como docente, na área da História, desenvolvi sempre uma carreira como investigador, como historiador. Portanto, o que se pode encontrar no meu percurso são publicações ligadas ao ensino e à didática da História e da Geografia e, simultaneamente, publicações centradas na investigação sobre História de Macau.



E ainda continua a manter uma relação muito intensa com Macau?

Sim, em média, ultimamente, tenho ido duas vezes por ano a Macau porque tenho projetos de trabalho com o Arquivo Histórico de Macau, alguns deles são até obras coletivas, por exemplo, um dos últimos foi uma coletânea das biografias de todos os governadores de Macau. Eu fiz a biografia de muitos dos governadores de Macau principalmente dos séculos XIX e XX. Também me debrucei sobre as questões do ópio, foi o meu primeiro trabalho: *Macau e a I Guerra do Ópio*. A minha tese de mestrado também foi sobre a questão do ópio, mas na minha tese de doutoramento mudei de rumo para a história social porque me comecei a cansar da história política e porque a produção historiográfica sobre Macau no âmbito social é muito fraca.

Então comecei a trabalhar sobre as questões da diáspora macaense. Entretanto, já publiquei um livro que foi a continuação da tese de doutoramento, e agora tenho estado a trabalhar, ainda com o Arquivo Histórico de Macau, numa exposição sobre um movimento migratório específico dos macaenses que foi o regresso dos macaenses de Xangai para Macau como refugiados. De facto, Macau acolheu uma grande comunidade de portugueses que vivia em Xangai e de onde saiu na sequência da 2ª Guerra Mundial e da instauração da República Popular da China em 1949. Portanto, fiz uma exposição sobre os documentos que existem no Arquivo e que explicam como Macau acolheu esses refugiados, quem eram... Essa exposição esteve aberta ao público em Macau no segundo semestre de 2015, esteve em Lisboa no último trimestre de 2016 e vai ser inaugurada em Guimarães no dia 3 de abril deste ano, onde ficará até junho.

Entretanto, já estou a preparar uma nova exposição sobre Macau cujo tema são os piratas, visto que nos mares de Macau sempre se verificou uma atividade de pirataria muito intensa que afetava o quotidiano da cidade. Estou então a fazer uma recolha de toda a informação que existe sobre o tema para uma nova exposição que só terá lugar no ano de 2019, em Macau. Mas espero que esta exposição também venha para Portugal.



Como se deu a transição de professor do 2º ciclo para professor do Ensino Superior?

Foi quase por acaso. Eu trabalhei durante muitos anos como professor do 2º ciclo e depois trabalhei 4 anos na Direção Regional de Ensino de Lisboa (DREL). Fui convidado pelo Diretor Regional para representar a DREL num programa que se chamava *Boas práticas, boa esperança* no qual colaborava, para além da DREL, o Instituto de Inovação Educacional e a Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx). Acompanhámos projetos que eram considerados boas práticas para as disseminar pelas escolas. Nesta equipa, conheci um professor da ESELx, o professor Carlos Cardoso que, um dia, numa conversa de circunstância, comenta a necessidade de contratação de um professor de História para a ESELx, pedindo-me para lhe indicar candidatos para o lugar. Expliquei-lhe que, como tinha estado fora vários anos, tinha perdido alguns contactos, mas que se me lembrasse de alguém o avisaria. Quando ia para casa no carro, começo a tentar lembrar-me se conhecia algum professor de História, até que me apercebi: professor de História sou eu! Portanto enviei o currículo, acabei por ser selecionado e comecei a lecionar em 1999.

Que balanço faz da sua experiência na ESELx até ao momento?

Tem sido uma experiência muito gratificante. Acho que tenho aprendido imenso. Quando penso no professor que eu era em 1999 e no professor que sou hoje, percebo que cresci imenso, que a evolução foi muito grande. Tem sido uma experiência também muito enriquecedora pelo contacto com os alunos. Acho que sempre estabeleci uma boa relação com os alunos. Penso que existe uma cultura de escola que os novos alunos rapidamente absorvem e com a qual eu me identifico. Por outro lado, é uma experiência estranha, porque, como dá para perceber pelo meu percurso, nunca estive mais de 4 anos numa escola e aqui já estou há 16 ou 17 anos. Eu às vezes sinto que precisava de viajar outra vez, mas em princípio assentei raízes.

Dá-me imenso gosto acompanhar as práticas de ensino supervisionadas, regressar ao 2º ciclo e ver essas aulas numa outra perspetiva. Acontece-me frequentemente passar por processos de reflexão e de crítica em relação ao professor de 2.º ciclo que eu era. Às vezes, é difícil, mas tento colocar-me no papel dos diversos intervenientes do processo educativo.

Que outros interesses tem para além do ensino e da investigação histórica?

A literatura, gosto muito de ler. Aliás, estou nas minhas sete quintas porque iniciei hoje as aulas da unidade curricular de Literatura e História com a professora Encarnação Silva e adorei estar a falar de Literatura e História em simultâneo. A literatura ocupa o meu tempo livre. Quando fiz o meu doutoramento, embarquei na minha grande aventura literária, que foi ler os sete volumes de Proust - *Em busca do tempo perdido* -, e foi muito inspirador.

Todos os dias tenho que ler alguma coisa antes de me deitar, nem que sejam só três páginas. Sinto falta da ficção, até porque sinto falta de escrever. Gosto muito de escrever, provavelmente por ser historiador. O historiador, por inerência, tem de escrever aquilo que investiga. Normalmente, quando inicio a escrita de um artigo, tenho o texto planificado na minha cabeça, mas começo pelo título porque acho que ele tem algo de muito estruturante para o que vou querer escrever. Como aprendi uma vez, primeiro escreve-se com o coração. Escrevo tudo sem ligar muito à forma. Depois de o texto estar escrito, escrevo com a cabeça.

Entrevista realizada por Marta Abreu Silva e Ana Isabel Silva



ENTREVISTA

Aprender em S. Tomé

As ilhas povoam o meu imaginário desde muito cedo. Da ilha do tesouro, entre barcos e piratas, à ilha dos amores, cantada por Camões, cresci no desejo de as visitar, de as conhecer, para saber se conseguiria experimentar as sensações de mistério e prazer que imaginava possuírem.

Foi um sonho realizado junto de outro sonho. Acabar a licenciatura em História, em julho de 1981, e embarcar três meses depois para S. Tomé, como professor cooperante, permitiu-me viver cinco anos de experiências maravilhosas, numa ilha paradisíaca, iniciando simultaneamente a minha carreira de professor. Beleza de uma ilha que se confunde com a riqueza de um povo há muito encantado pelo seu espírito orgulhoso e farrista.

Entre mar e palmeiras, por entre cores e odores impossíveis de imaginar, entrei pela primeira vez na Escola Preparatória Patrice Lumumba, na cidade capital de S. Tomé, muito próxima da baía de Ana Chaves. Nessa escola lecionei a minha primeira lição de “História”, a alunos da 5.ª classe. Mais de trinta meninos entre os onze e os catorze anos que me deram, a mim, a primeira lição de como ser professor.

Ensinei depois no Liceu Nacional, separado do mar apenas pela estrada marginal. Aulas onde era possível misturar a história dos povos com a imensidão de um mar sempre visto das amplas janelas das salas e com o cheiro de água salgada a puxar-nos incessantemente para si.

Mergulhar no mar de S. Tomé transformou-se numa prática quase quotidiana, uma necessidade física ou numa condição de sobrevivência na ilha. Ao contrário de muitos, nunca me senti enclausurado em nenhuma ilha. Com tanto mar... senti-me sempre livre. Livre e disponível para pensar nas minhas lições, nos meus alunos, na melhor forma de cumprir a missão que tinha escolhido para iniciar a minha vida profissional. Em S. Tomé. Anos oitenta... já no século passado. Uma experiência que se vai dissipando na memória, mas cujas marcas cavaram bem fundo na minha maneira de ser... professor.

Em S. Tomé aprendi a ser professor, compreendendo as dificuldades das muitas crianças, jovens e adultos, que se deslocavam a pé para a escola, uns todas as manhãs, outros todas as tardes, outros ainda, todas as noites. Para uma escola que funcionava desde as sete horas da manhã até às onze horas da noite, sempre sem parar... sempre cheia de alunos e de professores, numa sede constante de aprender e de ensinar.

Em S. Tomé aprendi a ser um professor um pouco diferente: a preparar textos sintéticos sobre as matérias

que lecionava para poderem ser ditados ou escritos no quadro, a fim de serem copiados; encontrar material para os alunos poderem fazer os seus exercícios; ter o cuidado de enriquecer as aulas tanto quanto o meu saber e a minha imaginação permitiam, pois estava consciente que cada aula tinha de valer pela lição de um professor, mais o manual que não existia, o caderno de apontamentos que só alguns tinham o luxo de possuir, o mapa que quase nunca lá estava. Nunca pensei enriquecer com tão pouco!

Dias e noites passados, mantendo constantemente o céu e o mar como pano de fundo, apenas interrompido pelo perfil verdejante de uma ilha que chamava permanentemente por nós. Aprendendo a amar um povo diferente, distante e tão próximo. Ensinando e aprendendo, muito, como professor e como pessoa.

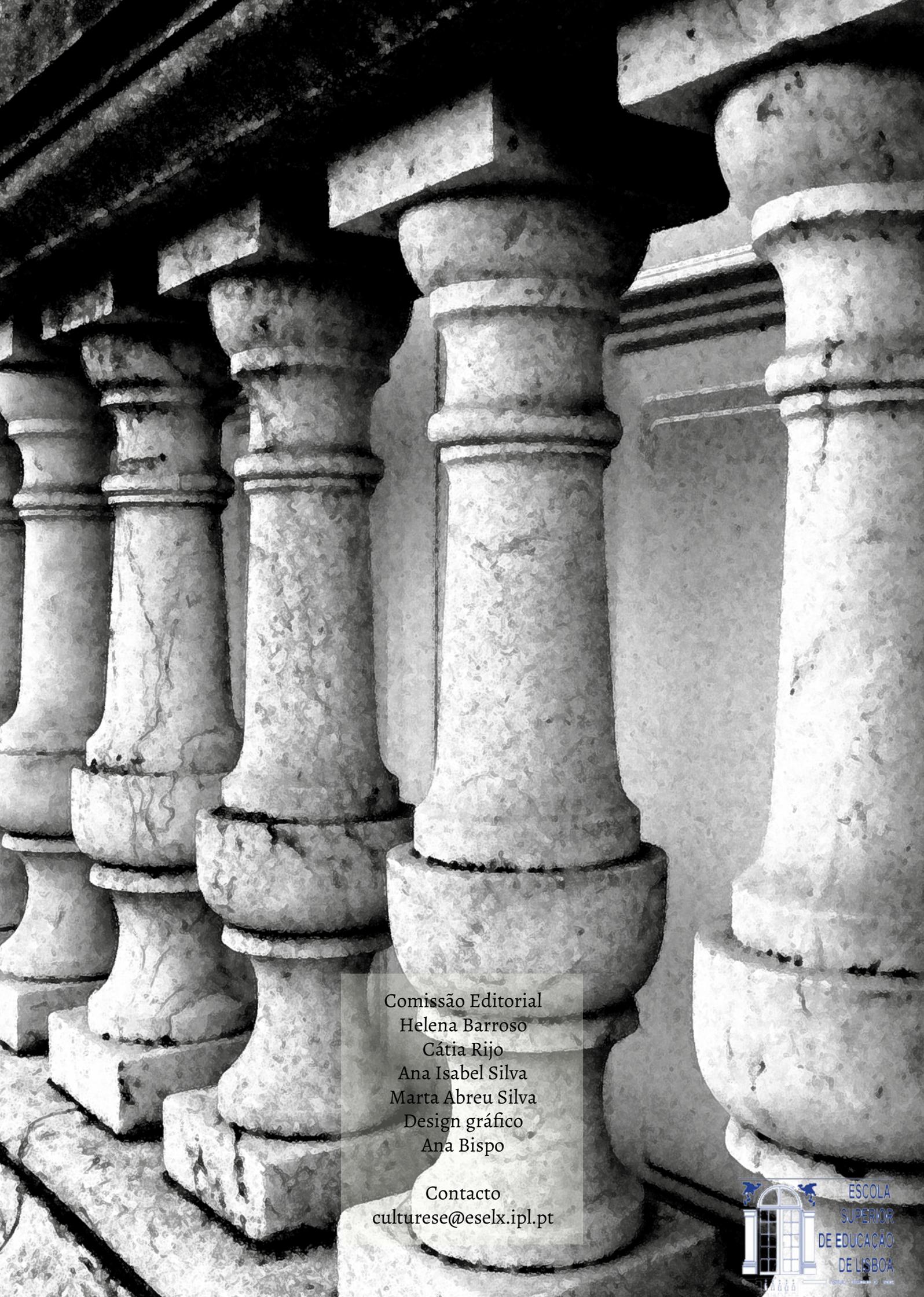
Tenho uma enorme dívida de gratidão para com a ilha de S. Tomé. A primeira ilha que visitei, onde provei todos os dias, graças aos meus alunos, que os sonhos podem ser concretizados. A beleza de S. Tomé lembra-me isso, ainda hoje, quando recordo, por vezes, momentos da minha passagem nessa ilha.

Fui para S. Tomé para ensinar... e lá aprendi a ser professor.

Lisboa, 8 de janeiro de 2001

Alfredo Gomes Dias

Sugestão



Comissão Editorial

Helena Barroso

Cátia Rijo

Ana Isabel Silva

Marta Abreu Silva

Design gráfico

Ana Bispo

Contacto

culturese@eselx.ipl.pt